

UM ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS DE ORAÇÕES RELATIVAS EM TEXTOS LATINOS

Renata Pereira Bastos (UFJF)

renatapbastos@ig.com.br

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

lulicarpinetti@oi.com.br

1. Introdução

Esta comunicação pretende apresentar alguns apontamentos referentes à ocorrência das orações relativas, em latim. Os exemplos analisados foram retirados de textos jurídicos da latinidade clássica, textos apologeticos, além de obras moralísticas e teológicas dos doutores da igreja. Todos fazem parte do *corpus* de textos do projeto de iniciação científica, pelo programa PROVOQUE (participação como voluntária) “A construção da irrealdade na argumentação de arengas judiciárias da latinidade clássica”, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Carlos Lima Carpinetti, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Foram utilizados dados de levantamento de várias etapas anuais em que se trabalhou com o referido projeto. Recorreu-se às anotações e registros de casos de cada etapa e fizemos a leitura de um trabalho já publicado, do qual citamos uma definição nesse trabalho.

2. As orações relativas em textos latinos

De acordo com Giuseppe Lipparini, na obra *Sintaxe Latina*, as orações relativas unem-se à principal por meio de pronomes e advérbios relativos como: *qui, quicumque, ubi, quo, unde*. São essas orações que são classificadas como próprias e impróprias. O primeiro tipo ocorre quando o verbo esta no modo indicativo, já as impróprias possuem verbo no modo subjuntivo.

Na maioria dos textos analisados foi observado que as “orações relativas próprias são empregadas quando seu antecedente se refere a algo certo, que todos aceitam como tal” (TEIXEIRA, Sabrina. *Anais da II Semana de Letras*, 2009, p. 1179).

As orações relativas impróprias geralmente se referem a antecedentes que estão no nível do irreal, do hipotético e, embora relativas, cor-

respondem a orações adverbiais, expressando causa, concessão, finalidade, hipótese, consequência ou possuir sentido limitativo. O texto de Sabrina Teixeira é detalhado na descrição do funcionamento destas categorias de orações relativas impróprias.

As características apontadas acima foram recorrentes e se confirmaram na maioria dos textos trabalhados. Porém, foi possível observar, nos textos da época tardo-antiga, algumas ocorrências que contrariam as regras sintáticas estabelecidas nas obras de gramática latina citadas na bibliografia:

Reddo nunc nomina, *quos decuriam dixi*: Bythios et Mixis, Ageratos et Henosis, Autophyes et Hedone, Acinetos et Syncrasis, Monogenes et Macaria. (TERTULIANO, 1980, p. 96)

Transmito agora os nomes, daqueles que eu declarei ser uma decúria: Bítios e Míxis, Ageratos e Henosis, Autofies e Hedone, Acinetos e Síncrase, Monêgenes e Macária.

Neste exemplo a oração relativa *quos decuriam dixi* deveria ter o antecedente *eorum* para se fazer clara e com os elementos devidamente elencados. Mas esse exemplo aponta para a existência de construções do tipo em que falte o antecedente, construção comum no português moderno, embora o português moderno não tenha o padrão sintático em questão. Na relativização latina, o pronome relativo concordava em gênero e número com o antecedente. E *nomina* (neutro plural) não é e não pode ser antecedente de *quos* (masculino e plural). É provável que a concordância de *quos* com *nomina* seja ideológica, quando nome provavelmente aluda a nomes de seres masculinos e adultos, conforme era comum aqueles que pertenciam a uma decúria, fração do exército correspondente a dez homens. Casos como esses, a gramática latina não aborda em suas generalizações descritivas, que abordam prioritariamente as situações de uso.

Sic et exitum singulis diuidunt: materiali quidem, id est carnali, quem et sinistrum uocant, indubitatum interitum; animali uero quem et dextrum appellant dubitatum euentum utpote inter materiale[m] spirital[em]que nutanti et illac debito qua plurimum adnuerit (TERTULIANO, 1980, p. 132)

Eles assinalam uma sorte diferente a cada um desses elementos: para o material, isto é, o carnal, que eles chamam também ‘de esquerda’, é uma destruição certa; para o psíquico que eles nomeiam também ‘de direita’, porque ele oscila entre o material e o espiritual, e ele é, pois, chamado a se reencontrar do lado em que tiver maior inclinação.

A oração *qua plurimum adnuerit*, introduzida por um pronome interrogativo, guarda uma relação com *illac*. Aparentemente, *illac* seria um

complemento de lugar, e, na verdade, o é. Mas esse advérbio interrogativo *qua* que introduz uma oração com um verbo no subjuntivo, seria uma oração interrogativa indireta, se houvesse um verbo de que fosse complemento. Mas, em não havendo, o que parece existir é uma relativização em que *illac* é o antecedente de *qua*. Tem-se então um advérbio interrogativo referindo-se a outro advérbio, complemento de lugar. Esse flagrante aponta que os parâmetros da gramática tradicional latina se tornaram limitados, pois não descreviam a possibilidade que verificamos nesse contexto. Daí se deduz que a relativização pode ocorrer com outras classes gramaticais além dos pronomes, por exemplo, também com os advérbios de lugar, nesse caso, complementos de lugar.

Iam uero, *quin rem inimicissimam corpori faceret*, uetari nullo modo poterat: post cenam lucubrabat, nec patiebatur alimenta per somnum quietemque aequaliter digeri sed perturbata ac dissipata in caput agebat (...) (SÊNECA, 1999, p. 16)

Novamente, ele, que não faria uma coisa muito prejudicial a seu corpo, não poderia de nenhum modo ser impedido: depois do jantar trabalhava até altas horas da noite, e não deixava os alimentos pelo sono e pelo repouso tranquilamente serem digeridos, mas para a cabeça dirigia-os, remexidos e gastos (...)

O que ocorre oração acima, introduzida por *quin* é a possibilidade de interpretá-la como oração relativa imprópria, uma vez que, o próprio *quin*, que o dicionário define como advérbio ou conjunção não se adequa, aqui, a uma classificação desse tipo porque se fosse advérbio interrogativo ou conjunção, a frase teria que se classificar como oração interrogativa indireta. Porém não há verbo que requeira esta frase interrogativa como complemento, fato que inviabiliza essa classificação. Se atentarmos ao fato de que *quin* é o resultado da contração de *qui* + *ne*, então é possível reconhecer neste *quin* a origem a partir de um pronome relativo fato também atestado pela tradução inglesa, utilizada na pesquisa quando se refere a este *quin* traduzido como *he*.

Ego autem oratorem, sicut locupletem ac lautum patrem familiae, non eo tantum uolo **tecto** tegi quod imbrem ac uentum arceat, sed etiam quod uisum et oculos delectet; non ea solum instrui suppellectile quae necessariis usibus sufficiat, sed sit in apparatu eius et aurum et gemmae, **ut** *sumere in manus et aspicerere saepius libeat*. (TÁCITO, 2010, p. 49)

Or, pour moi, l'orateur, tel un père de famille riche et qui recherche l'élégance, doit être couvert par un toit, qui, tout en le protégeant contre la pluie et le vent, charme la vue et les yeux; il doit, à côté d'un mobilier qui suffise aux besoins courants, avoir aussi, sur des meubles, de l'or et des pierreries **qui** inspirent le goût de manier et de les regarder plus souvent. (TÁCITO, 2010, p. 49)

Eu, porém, quero que o orador, como um homem rico e honroso *pater familias*, não por isso apenas seja coberto com um teto que lhe proteja do vento e da chuva, mas também que agrade para a decoração e os olhares; É pouco que sejam fornecidos móveis indispensáveis aos usos da vida, eu quero que haja, entre seu mobiliário, ouro e pedras preciosas **que** agrade tomar na mão e se olhar mais de uma vez.

Aqui a inovação se dá pelo uso da conjunção *ut* como pronome relativo o qual tem como antecedente *aurum et gemmae*, que são retomados por *ut* como complemento de *sumere in manus et aspicere saepius libeat*. A ocorrência de *ut* como pronome relativo não é muito frequente e as gramáticas não registram esse uso.

3. Conclusão

Podemos perceber que os aspectos semânticos, presentes no texto dos autores, são importantes para o esclarecimento de dúvidas referentes aos usos sintáticos manifestados nos textos latinos, mas que nem sempre são descritos pelas gramáticas. A lição do texto tem um lugar de suma importância, pois informa sobre o tempo e sobre a situação em que os autores dos textos os tenham criado e, além disso, os textos retratam as soluções que os autores encontraram na busca da expressão exata, e que se nos oferecem como desafio a se transpor no trabalho de sua recriação, pela tradução. Como resultado do trabalho de pesquisa, temos a dizer que o aprendizado da língua requer de nós, preliminarmente, a lição da gramática, mas, em se tratando do manuseio dos textos, nos quais o movimento da língua é muito mais intenso, nós acabamos por nos render à complexidade da língua, pela leitura dos textos, e percebemos que as gramáticas tentam uma lição de síntese e uma visão o mais prototípica possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERNANDEZ, L. R.; ROLAN, T. G. *Nueva gramática latina*. Madrid: Colóquio, 1985.

LIPPARINI, G. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação de Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1976.

SÊNECA, o Rétor. *Declamations*. Translated by M. Winterbottom. Harvard: Harvard University Press, 1999.

TÁCITO. *Dialogue des orateurs*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles-Lettres, 2010.

TERTULIANO. *Contre les valentiniens*. Introduction, texte critique, traduction par Jean-Claude Fredouille. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.